
SUBJETIVIDADE NA AFASIA: UMA CONSTRUÇÃO DIALÓGICA

Jaqueline Almeida Silva
(UESB)

Carla Salati Almeida Ghirello-Pires
(UESB)

RESUMO

O presente artigo discute acerca das questões ligadas a linguagem e a subjetividade levando em consideração a perspectiva dialógica abordada por Bakhtin. À luz da neurolinguística discursiva, proposta por Coudry (1986) traçamos uma discussão que envolve os sujeitos afásicos enquanto sujeitos da linguagem e aliamos os estudos baktinianos que nos mostram que a subjetividade dos indivíduos é proveniente das situações histórico-sociais e culturais que o cercam. Portanto compreender as questões que envolvem a expressão da subjetividade através dos percursos enunciativos são necessários para que o olhar lançado sobre o indivíduo com afasia não seja de incompreensão ou a visão de um incapacitado, mas que esse sujeito seja visto como alguém que pode interagir a partir das situações dialógicas que o cercam.

PALAVRAS-CHAVE: Afasia, Linguagem, Subjetividade.

A LINGUAGEM COMO ATIVIDADE CONSTITUTIVA

A noção simplista de que a linguagem é um instrumento de comunicação vem sendo colocada em questão no rol das ciências. Mas como comparar a linguagem a um instrumento de comunicação, se esta não pode ser criada, nem materializada?

A teia da linguagem é muito mais complexa e não cabe o reducionismo para analisá-la. Tendo em vista que ela é ampla, cheia de labirintos, não se sabendo onde começa e onde termina.

“ Todos os caracteres da linguagem, a sua natureza imaterial, o seu funcionamento simbólico, sua organização articulada, o fato de que tem um conteúdo, já são suficientes para tornar suspeita essa assimilação a um instrumento, que tende a dissociar do homem a propriedade da linguagem”. (BENVENISTE, 2005, P.285)

Não há como separar o homem da linguagem, já que esta é uma atividade constitutiva dos sujeitos e é de natureza histórico-cultural. Segundo Benveniste, 2005 p.285,” é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade”. Portanto a construção do sujeito perpassa pela sua relação com a linguagem, pois é a linguagem que humaniza o homem.

“De fato, a linguagem corresponde a isso em todas as suas partes. É tão profundamente marcada pela expressão da subjetividade que nós nos perguntamos se, construída de outro modo, poderia ainda funcionar e chamar-se linguagem, Falamos realmente da linguagem e não apenas das línguas particulares. Os fatos das línguas particulares, que concordam testemunhas pela linguagem. (BENVENISTE,2005,p.287)

Segundo Franchi (1976) a linguagem é uma atividade construtiva regida por parâmetros histórico-culturais, onde todos os sujeitos são incompletos diante das possibilidades da linguagem. Apesar da complexa organização da linguagem, que faz com que os sujeitos se apropriem da língua, é através do ato discursivo que emerge a subjetividade em suas mais variáveis instâncias. Há linguagem em toda atividade humana, até mesmo o silêncio se configura como uma forma de externar a linguagem contida na teia que envolve o pensamento, a linguagem e a realidade apreendida.

Retomando as discussões iniciais desse texto, Franchi (1992) traz o conceito de linguagem como atividade criadora, refutando assim a noção de linguagem como ferramenta comunicacional. Para este autor a linguagem não é um meio, um utensílio, ela é o próprio agente

constitutivo dos indivíduos, ela carrega em si a emergência da subjetividade e o aspecto criativo. Portanto ela não se apresenta como um produto, mas como uma atividade.

“ Temos então que apreendê-la nesta relação instável de interioridade de exterioridade, de diálogo e de solilóquio ; antes de ser para comunicação, a linguagem é para elaboração; antes de ser mensagem , a linguagem é construção do pensamento; antes de ser veículo de sentimentos, ideias, aspirações, a linguagem é um processo criador em que organizamos e informamos as nossas experiências. (FRANCHI,1992, p.25)

As noções de linguagem apresentadas por Franchi corroboram com Bakhtin (2006) que destaca a natureza social da linguagem e também desconsidera as análises reducionistas que tendem a “reificar” a linguagem, levando-a para o campo do descritivismo abstrato transformando o signo em sinal e separando-os em classes, homogeneizando, padronizando e classificando uma parte que compõe a linguagem, a língua.

“Na estrutura da linguagem, todas das noções substanciais formam um sistema inabalável, constituído de pares indissolúveis e solidários: o reconhecimento e a compreensão, a cognição e a troca, o diálogo e o monólogo, sejam eles enunciados ou internos, a interlocução entre o destinador e o destinatário, todo signo provido de significação e toda significação associada ao signo, à identidade e a variabilidade, o universal e o particular, o social e o individual, a coesão e a divisibilidade, a enunciação e o enunciado”. (JAKOBSON, apud BAKHTIN, 2006 p.11)

Em suas análises baktinianas, Jakobson coloca a linguagem em um cenário de várias relações, que são interdependentes e formam um todo que se complementam e se completam. Vê-se, portanto a heterogeneidade, a pluralidade da natureza da linguagem, que depende de uma gama de relações que são regidas pelas relações sociais.

Portanto, os autores aqui elencados, versam acerca da linguagem, não como suporte ou ferramenta, mas como atividade que é intrínseca ao ser o humano, que o constitui enquanto sujeito, o humaniza. Os autores trazem a visão da subjetividade construída na e pela linguagem e tendo como principal elemento as relações históricas, sociais, culturais que dialoguem com os sujeitos.

A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO SUJEITO AFÁSICO, NUMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA.

A questão que envolve a construção da subjetividade perpassa por análises complexas e inesgotáveis, muitas vezes acompanhadas de embasamentos filosóficos, da psicologia, psicanálise, entre outros campos de estudo.

Segundo as teorias baktinianas, o sujeito emerge de uma incompletude no que tange a linguagem, o discurso, o seu percurso sócio-histórico. Sua subjetividade se constrói a partir das relações com o outro, onde o “eu” se constitui através do “outro”. Para Bakhtin (2006) não há possibilidades de este indivíduo ser puramente psicológico, ele perpassa a todo o tempo pelo âmbito dialógico-interativo, portanto é um sujeito dialógico.

A contextualização, a alteridade, a inserção do sujeito (sejam eles afásicos ou não afásicos) nas esferas da sociedade, vão dando sequência à formação do ser, enquanto sujeito dotado de subjetividade. Esse processo jamais será estanque, uma vez que essa dinâmica está em constante ressignificação.

Nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias), estão repletos de palavras *dos outros*, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus

variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos. (BAKHTIN, 1997, p.314)

Os elementos sociais, históricos que se unem a ecos de outras vozes, segundo Bakhtin, não “apagam” o sujeito, nem o torna cópia de outros sujeitos, muito pelo contrário. Esse movimento dialético traz a cena diversas situações discursivas e os mais variados tipos de atores sociais que se entrecruzam e promovem ações de subjetivação. Para que as ações de subjetivação aconteçam, se faz necessário que os aspectos sociais unam-se aos individuais, para que a subjetividade possa se configurar.

Assim a noção que Bakhtin, traz acerca da alteridade dos sujeitos, na, para e pela linguagem marcam a posição de “sujeito inacabado”, aquele que sempre precisará de ecos de outras vozes para constituir seu “eu”.

Esse cruzamento de enunciados (eu/outro) que é um traço fundamental da alteridade, nos mostra que é impossível existir um discurso neutro, um sujeito que não esteja impregnado de outras vozes, uma vez que a subjetividade/individualidade se dá através dessa cadeia dialógica e interativa.

Segundo Bakhtin, os sujeitos (afásicos ou não) não serão reprodutores de enunciados alheios, pois essa gama de experiências vivenciadas pelos indivíduos (que são únicas para cada sujeito) os torna um ser singular.

Em se tratando de sujeitos afásicos, essa discussão vai um pouco além, pois rotineiramente esses sujeitos são taxados como incapazes e o seus processos enunciativos são desconsiderados. Quando o sujeito afásico faz uso de outros recursos linguísticos, que não são os recursos considerados “padrão”, como a fala, percebemos que o preconceito

sofrido por esses indivíduos, tornam-se maiores e se configuram como barreiras para que se estabeleça a interação.

Muitos dos processos de significação que se apresentam como solução para o afásico expressar seu dizer envolvem sistemas não verbais (gestos/corpo; objetos; relações entre objetos; práticas sociais) que se articulam com processos de significação verbais no funcionamento discursivo da linguagem e, assim, são chamados de *alternativos* em relação ao sistema da língua e a seu uso social e partilhado. Uns são previstos pelo próprio sistema da língua em funcionamento; outros se apresentam como *não oficiais*, intermediários/gato, e muitos podem manifestar e repetir conteúdos psíquicos como ocorre também com não afásicos; outros, como se disse, ainda são possíveis pela relação da linguagem com a semiose não verbal e se referem à possibilidade de verbalizar gestos, crenças, objetos, ações, atitudes, raciocínio matemático, o que corresponde à tradução intersemiótica. (COUDRY, 2008, p. 11)

Os sujeitos afásicos, normalmente fazem mais uso desses recursos “não oficiais”, isso faz com que esses indivíduos muitas vezes, sejam vistos como “anormais”, pois sua expressão é desconsiderada e julgada como incoerentes.

De fato, para a neurolinguística discursiva, há o entendimento que apesar de existir o comprometimento linguístico em pessoas cérebro-lesados ou não, existe ali um sujeito da linguagem, que dela faz uso e interage com a realidade que o cerca. Portanto a utilização de atividades repetitivas, de mera verbalização, com o intuito de “recuperar” aquilo que foi perdido, precisa ser descartado, uma vez que para Bakhtin (2006, p. 111):

Na realidade, o ato de fala, ou, mais exatamente, seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado a partir das condições

psicofisiológicas do sujeito falante. *A enunciação é de natureza social.*

Sendo assim, não podemos conceber a postura do subjetivismo individualista que concebe o sujeito a partir de uma enunciação monológica, sendo ela um ato estritamente individual, uma expressão da consciência individual. Essa teoria prioriza o que é interior, sob o que é exterior, onde a fonte principal da expressão reside no interior dos indivíduos. Ao abarcarmos o sujeito afásico ou não, como um ser individualista, no que tange a questão enunciativa, estamos transferindo para ele toda a responsabilidade por sua objetivação (expressão). Bakhtin refuta essa teoria, pois:

O centro organizador e formador não se situa no interior, mas no exterior. Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é *a expressão que organiza a atividade mental*, que a modela e determina sua orientação. Qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo *pela situação social mais imediata*. Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. *A palavra dirige-se a um interlocutor*: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado. (BAKHTIN, 2006, p.114)

Para esse autor, os indivíduos possuem um “auditório social” no interior de cada um. Mesmo que em seu pensamento o sujeito não se refere a um interlocutor abstrato. É diante dessa concepção de interação e dessa relação dialógica que é constituída a subjetividade dos

sujeitos. Por meio desse cenário onde está presente um “horizonte social”, que os indivíduos constroem suas deduções interiores, motivações, apreciações e por consequência externam aquilo que lhes foi apreendido.

Bakhtin (2006, p.115) discorre acerca da importância da palavra e afirma que ela contém duas faces, “procede de alguém” e “se dirige a alguém”.

Mas ao tratar da palavra, o autor não a reduz ao ato físico de materialização do som. Bakhtin (2006) considera que “todas as manifestações verbais estão, por certo ligadas aos demais tipos de manifestação e de interação intersemiótica, a mímica, a linguagem gestual, os gestos condicionados, etc.” (p.41). Essa teoria é denominada “psicologia do corpo social”, onde a enunciação se dá sob formas de diferentes modos de discursos. Elas estão intimamente ligadas à situação social.

A psicologia do corpo social deve ser analisada através de duas perspectivas, a do tema (sentido da enunciação) e dos tipos e formas de discurso, “através dos quais estes temas tomam forma, são comentados, se realizam, são experimentados, são pensados, etc”. (BAKHTIN, 2006, p.42)

O autor reforça a importância de se pesquisar acerca das formas materiais de expressão, formas de comunicação no contexto da vida e através dos signos. Essas formas de expressão estão repletas de conteúdos ideológicos, socialmente organizados e que são fruto da interação, do dialogismo e por consequência estão carregados de subjetividade.

REFERÊNCIAS

BEVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral I**. Campinas: Pontes Editores, 2005.

_____. **Problemas de Lingüística Geral II**. Campinas: Pontes Editores, 2006.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 2006. São Paulo: Hucitec.

COUDRY, Maria. I. H. **Diário de Narciso: discurso e afasia**. Análise de interlocuções com afásicos. 1986. [s.p] Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1986.

_____. **Diário de Narciso: discurso e afasia**. São Paulo: Martins Fontes, (1988) 2001.

_____. O que é o dado em Neurolingüística. In: Castro, M.F.P (org.) **O método e o dado no estudo da linguagem Campinas**, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

_____. **Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução**. Estudos da Língua(gem). Vol. 6, n. 2. p. 7-36. Vitória da Conquista, 2008.

COUDRY, M.I.H; POSSENTI, S. Avaliar discursos patológicos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 5, p. 99-109, 1983.

FRANCHI, C. Linguagem – Atividade Constitutiva. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas: (22):9-39**, 1977.

JAKOBSON, R. Dois Aspectos da Linguagem e Dois Tipos de Afasia. In: **Lingüística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix. p. 34 - 62. 1969.